

TRADIÇÃO E INOVAÇÃO, PARADOXO OU DICOTOMIA? OBSERVATÓRIO ASTRONÔMICO EM MOGI GUAÇU**TRADITION AND INNOVATION, PARADOX OR DICHOTOMY? ASTRONOMICAL OBSERVATORY IN MOGI GUAÇU****Lais Vitória GRANZIERA¹; Alessandra Salvador Alexandre STRASSA²**

1. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo, 13844-070 Mogi Guaçu, Brasil. E-mail: lais.granziera@gmail.com

2. Arquiteta e Urbanista, Doutora em Urbanismo, Professora Titular do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo, 13844-070, Mogi Guaçu – SP, Brasil. E-mail: profalessandra@unimogi.edu.br

RESUMO

Esse trabalho apresenta o entrelace da importância da identidade cultural e histórica da cidade de Mogi Guaçu, com os acréscimos que a tecnologia pode dar aos territórios edificados. O objetivo é ressignificar a área da antiga cerâmica Guainco – que está sem uso atualmente, para um centro de incentivo às ciências, uma vez que são escassos espaços que instiguem o aprendizado científico na região. Deste modo, pretende-se estabelecer parâmetros construtivos vernaculares para a proposta, para destacar a história local e utilizar a linguagem tecnológica como apropriação da contemporaneidade. Através de pesquisas teóricas, levantamentos bibliográficos e de imagens, foram abordados exemplos de arquiteturas vernaculares e sua relação com a tecnologia.

Palavras-chave: Arquitetura; Tecnologia; Cultura; Memória; História Urbana.

ABSTRACT

This work presents the interweaving of the importance of the cultural and historical identity of the city of Mogi Guaçu, with the additions that technology can give to the built territories. The objective is to give a new meaning to the area of the old Guainco's ceramics - which is currently unused -, to a center to encourage sciences, since there are few spaces that instigate scientific learning in the region. In this way, it is intended to establish vernacular constructive parameters for the proposal, to highlight local history and use technological language as appropriation of contemporaneity. Through theoretical research, bibliographic and image surveys, examples of vernacular architecture and its relationship with technology were addressed.

keywords: Architecture; Technology; Culture; Memory; Urban History.

Recebimento dos originais: 23/01/2022

Aceitação para publicação: 24/07/2022

INTRODUÇÃO

O elo entre tradição e tecnologia sempre foi muito frágil, abrindo um leque de contradições que percorre a história desde seus primórdios. Essas contradições muitas vezes seguem duas linhas tênues: a primeira é o medo de que qualquer inovação possa apagar ou superar sua história e, a segunda, é a de que a inovação seja o único caminho que ofereça uma alternativa de evolução para o futuro da humanidade. Entre essas convicções, discutiremos a possibilidade dessas linhas tênues serem na verdade uma linha só, na qual as inovações só são possíveis quando consideram e honram a história e o passado em sua totalidade, pois “O antigo não impede o progresso”, conforme Vasconcellos (2010). Deste modo, o presente artigo destina-se à investigação da relação entre arquitetura vernacular, tradição e tecnologia; e em como esses fatores são relevantes para a formação de caráter e identidade dos lugares.

A arquitetura vernacular está diretamente relacionada com o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos, podendo ser considerada um produto de sua formação histórica e cultural. De acordo com Van Lengen (2014), é o termo usado para discutir uma forma de construção na qual é indispensável o conhecimento da localidade, uma vez que utiliza materiais que são abundantes de determinada região, implicando diretamente com o tipo de solo e o clima presentes. Nesse intuito, escolheu-se a área da antiga cerâmica Guainco (figura 1), que atualmente está sem uso e se localiza entre a Avenida Mogi Mirim e a Rua Sérgio Sínico. Além de ter sido uma das mais importantes cerâmicas da região, conta com uma localização estratégica entre as cidades de Mogi Mirim e Mogi Guaçu, tendo um fácil acesso pela avenida principal de acesso ao centro da cidade.



Figura 1: Mapa Mogi Guaçu, Av. Mogi Mirim

Fonte: Google Maps.

O crescente desenvolvimento da cidade e das instituições de ensino superior cria uma demanda por espaços culturais e científicos, os quais as instituições possam utilizar para exposições de trabalhos e pesquisas, incentivando o campo das ciências. A proposta de um projeto arquitetônico de incentivo às ciências partiu dessa premissa da falta de espaços relacionados a esta proposta na região.

METODOLOGIA

A fim de estabelecer uma relação entre a tradição do vernacular com a tecnologia, a pesquisa estabeleceu uma ordem de discussões que auxiliaram a compreender o papel dos dois no cenário contemporâneo, como abordar o conceito de *genius loci*; o conceito de vernacular e suas técnicas mais conhecidas, como as casas com paredes de pedra, adobe, pau-a-pique, terra com bambu e madeira; o conceito de tradição e o conceito de tecnologia. Desse modo foi estabelecida uma conexão entre esses conceitos no cenário contemporâneo, de maneira a identifica-los no cenário atual. A partir dessas discussões, foram utilizadas também análises de referências projetais e então o diagnóstico da área de intervenção para a proposta de projeto arquitetônico.

GENIUS LOCI

Considerado um conceito romano, o *Genius loci* é definido como sendo o espírito guardião de alguém ou algo, acompanhando a pessoa do nascimento até a morte e sendo responsável pela criação de seu caráter e essência. Quando procuramos entender o significado da edificação – arquitetura –, chegamos à discussão de que seu papel é descobrir os significados e conhecimentos de um espaço e lhe conceder um uso. De acordo com Marisa Barda (2009), “fazer arquitetura significa visualizar o *genius loci*: o papel do arquiteto é criar lugares significativos para ajudar o homem a habitá-los”. Dessa forma, o traçado urbano pode ser compreendido como a identificação do caráter e potencialidade do espaço, ou seja, a arquitetura permeia a essência do local e possibilita que ela seja exaltada. “A estrutura de um lugar não é uma condição fixa, eterna; geralmente os lugares mudam e às vezes mudam rapidamente. Isso não significa que o *genius loci* deva ser modificado ou perdido”. (NORBERG-SCHULZ, 2003)

É importante a conceituação do *genius loci* uma vez que os termos vernaculares, tradição e tecnologia são fatores estudados na identificação do *genius loci* dos lugares. A tradição, por exemplo, reafirma a necessidade de se conhecer os costumes antigos, pois concede veracidade aos fatos e opiniões críticas em relação às decisões futuras.

VERNACULAR

A palavra vernácula, de acordo com Johan Van Lengen (2014), significa próprio de um país ou de uma nação, entendido como uma linguagem pura e genuína. Está relacionada à tradição e identidade de um local, associada à utilização específica de conhecimentos e materiais para a construção dos espaços. É o elo entre a arquitetura e a representação cultural, uma vez que seu conceito parte da integração do meio ambiente, da história, dos recursos naturais e do uso da tecnologia disponível para sua concepção.

O traçado dessa arquitetura implica na identidade de cada local, reafirmando a ideia de que um lugar nunca é igual ao outro, seja por sua história, evolução, forma ou habitantes. Essa peculiaridade pode colocar o conceito como sendo um dos fatores determinantes para identificar o *genius loci* de um lugar, ou, o seu espírito, uma vez que engloba todos esses fatores evolutivos.

A arquitetura vernacular – entendida como arquitetura comum, anônima, construída sem interferência de arquitetos ou engenheiros – constitui a fisionomia da cidade, ou seja, exprime com linguagens e expressões que refletem o lugar e o ambiente onde foi formada (BARDA, 2009, p. 89).

Uma das técnicas vernaculares específicas da região de Mogi Guaçu à ser implementada no projeto arquitetônico são as cerâmicas feitas pela argila taguá, espécie encontrada no município em abundância, que podem ser utilizadas das maneiras mais diversas para elaborar elementos de vedação, que contribuem para uma iluminação e ventilação natural. Algumas das técnicas vernaculares mais utilizadas e conhecidas na região brasileira são sistematizadas por Johan Van Lengen (2014).

TRADIÇÃO

Tradição implica transmissão de conhecimentos, costumes e lendas para outras gerações, sendo mais comum acontecer oralmente. “Tradição é memória, e memória enriquece a experiência. Se nós não nos lembrássemos de nada seria impossível avançar”. (CONGAR, 2004). Além de estabelecer continuidade aos conhecimentos, a tradição reflete valores de situações que foram vividas ou experimentadas, de forma a conferir uma visão mais humanitária e sentimental desses acontecimentos e daqueles que os viveram. São tão importantes para as pessoas como para os locais em que são criados, uma vez que ambos são fatores determinantes para a criação do *genius loci* do espaço. Um espaço torna-se lugar quando lhe é conferido uma história, um significado, que, por fim, o torna habitável. Conhecer a tradição possibilita reconhecer a importância do vernacular para a continuidade da evolução e em como a sua aplicação correta pode contribuir para um futuro mais sustentável e ecológico no campo da arquitetura e da construção. Possibilita, principalmente, compreender a história de seus antepassados.

TECNOLOGIA

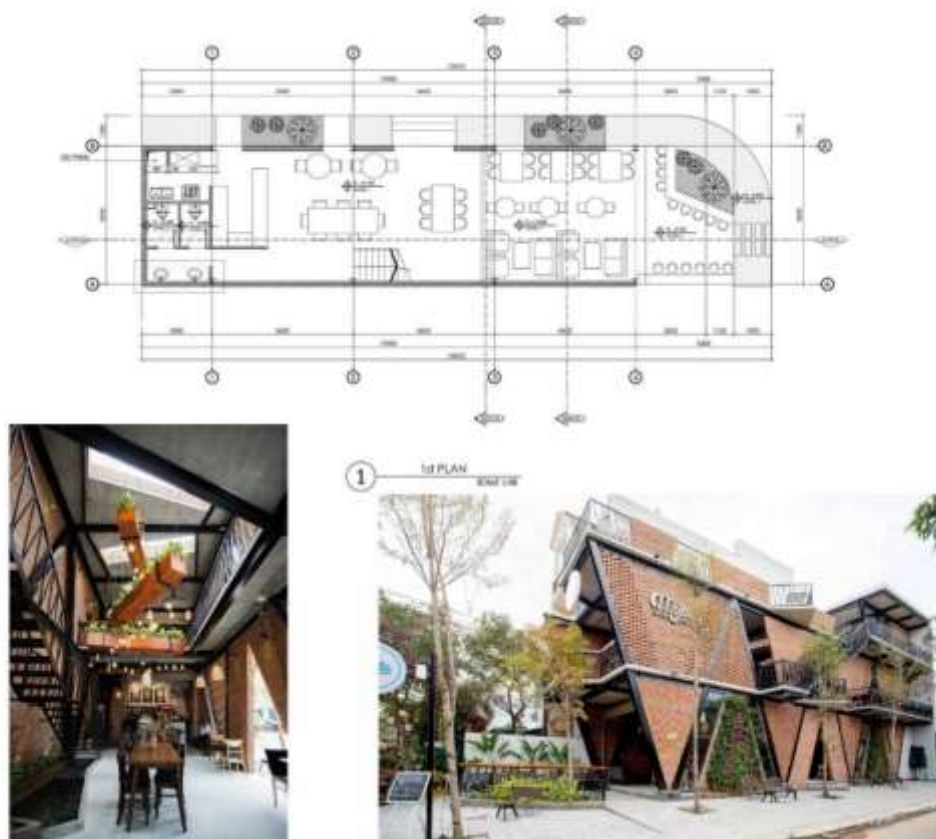
Tecnologia não consiste apenas nos artefatos que são empregados como ferramentas, mas também inclui a soma total dos tipos de conhecimento que tornam possível a invenção, a fabricação e o uso de ferramentas [...] Tecnologia, no sentido mais amplo, são aquelas formas de relações sociais que tornam socialmente necessário para produzir, distribuir e consumir bens e serviços usando processos técnicos. (GELL, 1988)

Tecnologia implica um conjunto de conhecimentos e métodos que auxiliam nas atividades diárias e específicas do ser humano para a criação de algo e está constantemente em mudança, uma vez que está relacionada com a evolução e o progresso da sociedade e capacidade humana de criação.

É possível notar que seu uso permeia a intenção com o objeto construído, funcionando como um caminho, não como uma ferramenta. Esse intermédio pode ser notado desde a antiguidade, quando foram utilizadas as tecnologias disponíveis e conhecidas na época para o corte e disposição das pedras do Egito antigo, no uso de barro nas cidades maias, no deslocamento das grandes pedras para a criação das cidades incas ou, ainda, para a criação dos monumentais castelos e fortalezas medievais. Ou seja, a tecnologia só possui significado e uso quando se existe uma intenção e objetivo para ela, possibilitando diversas interpretações e soluções. Esse avanço tecnológico teve seu grande salto a partir da Revolução Industrial, que permitiu que a técnica ganhasse um papel de protagonista na evolução da sociedade e da economia global. Foram introduzidos máquinas e padrões e a produção nunca foi tão frenética.

ESTUDOS DE CASO

Café MU'A / 85 Design

**Figura 2:** Café MU'A**Fonte:** To Huu Dung, 2018.

O café MU'A está localizado no Vietnã e foi desenvolvido pelo escritório 85 Design. O programa parte da premissa de oferecer um uso aos edifícios que antes eram fábricas, ou casas temporárias, que na maior parte das vezes eram feitas com estruturas metálicas. A proposta foi adaptar o espaço para um café inspirado nas ruas vietnamitas, que fosse amplo e arejado, de tal forma a criar a sensação de que o cliente estivesse ao ar livre, todavia, ainda protegido do sol e chuva. O uso inteligente dos tijolos e cerâmicas intercalados e espaçados entre si cria uma fachada dinâmica e charmosa, na qual é possível aproveitar a iluminação e ventilação natural. A figura 2 expõe o projeto.

Um espaço para o conhecimento



Figura 3: Um espaço para o conhecimento

Fonte: Gustavo Xavier, 2010.

O Centro de exposições e planetário de Jô Vasconcellos (definições projetuais na figura 3) partiu de uma iniciativa do governo de Minas Gerais, no qual foram implementados vários centros culturais nos edifícios e prédios do governo que estavam sem uso. O objetivo do programa foi revitalizar a estrutura antiga do prédio e atribuir uma função cultural para o local, atraindo a população e o desenvolvimento científico da região. O projeto é repleto de estratégias contemporâneas que contribuiriam para a adaptação do espaço, criando salas e ambientes dinâmicos para o público. “Esperamos com este projeto criar uma participação efetiva da população no plano cultural e científico que, através do conhecimento, passa a assumir um importante e dinâmico papel na política cultural e social do Estado de Minas Gerais” (Jô Vasconcellos, 2010).

PROJETO

Contexto histórico

Foi escolhida a área da antiga cerâmica Guainco para a intervenção, que atualmente encontra-se sem uso. A área de análise engloba duas áreas das cidades de Mogi Mirim e Mogi Guaçu, tal como a conurbação entre elas, que pode ser vista, principalmente, através da avenida principal de acesso às cidades, a Avenida Mogi Mirim, em Mogi Guaçu. Ambos os

municípios são da região leste do Estado de São Paulo. Mogi Mirim começou a ser habitada por bandeirantes por volta de 1720, eles vieram à região em busca de pedras preciosas, ouro e outras especiarias.

Era conhecido inicialmente por arraial de Moji Mirim, nome inspirado no rio que passa pela cidade, o pequeno Rio das Cobras. Com a vinda dos bandeirantes, pessoas começaram a se concentrar na região, buscando novas oportunidades e lugares para se estabelecerem; o arraial ainda chamava muita a atenção pela sua localização estratégica perto de Minas Gerais e Goiás, onde eram encontradas grandes quantidades de pedras preciosas. Por volta de 1747, Mogi Mirim já possuía uma quantidade de habitantes considerável, dando início, então, à construção da Igreja Matriz São José, seguida da estação ferroviária da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, inaugurada em 1875. Esses são grandes marcos patrimoniais da cidade.

Mogi Guaçu, por sua vez, foi chamada de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo e se desenvolveu em período quase que semelhante ao de Mogi Mirim, tendo recebido uma devida atenção por volta de 1728. Rapidamente se ergueram vilarejos às margens do rio e o município se tornou uma parada na rota dos desbravadores. Com isso os povos indígenas que nessa cidade viviam foram pouco a pouco diminuindo. Foi batizada de Mogi Guaçu em 1751, nome que leva o rio que a corta. Seu desenvolvimento foi acelerado após a instalação da estação ferroviária que deu início a um período industrial, no qual, após 1888, vários imigrantes italianos trouxeram as primeiras cerâmicas para a cidade. O pioneiro desse movimento das cerâmicas foi o Padre José Armani, que realizava a produção de telhas graças a uma grande quantidade de taguá, espécie de argila encontrada no município em abundância. Atualmente ambas as cidades possuem um diversificado perfil econômico com empresas do ramo de celulose, cerâmica e outras, com grande destaque ainda no ramo agrícola, com a produção de laranja e tomates.

Infraestrutura

De acordo com as pesquisas do site IBGE (2021), a cidade de Mogi Mirim apresenta uma porcentagem de 95% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, de forma a oferecer uma infraestrutura de qualidade para residências e futuras construções. Apresenta também uma porcentagem de 81,3% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 42,6% com disposição de infraestrutura, de forma contribuir com bueiros, calçadas, pavimentações, meio-fio e iluminação. Mogi Guaçu, todavia, apresenta 96,2% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, que, quando comparado com a posição dos outros municípios do estado, o coloca na posição de 113 de 645. Apresenta 92,8% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 29,6% com disposição de infraestrutura. É interessante observar que a porcentagem de infraestrutura adequada disponível para Mogi Guaçu chega a ser aproximadamente metade da de Mogi Mirim, mesmo considerando que seu espaço se desenvolveu pouco tempo depois do outro município.

De acordo com o Plano Diretor da cidade de Mogi Mirim, a cidade possui alguns parâmetros mínimos em relação às manutenções e infraestruturas oferecidas à população, como, por exemplo: “monitorar, fiscalizar e controlar a poluição atmosférica, sonora, do solo e da água”; “evitar a contaminação e esgotamento do solo, regulamentando e fiscalizando

empreendimentos e atividades urbanas, agropastoris e industriais” (Seção II, da qualidade do ar, da água e do solo, Plano Diretor de Mogi Guaçu, 2004); e diversas outras.

Diagnóstico da área

Após a contextualização da área, podemos analisá-la em seus mais diversos aspectos a fim de compreendê-la melhor. A área de análise compreende uma grande área de Mogi Mirim e Mogi Guaçu, a qual é extremamente diversificada quando discutidos os seus usos de solo, como se pode ver na figura 4.



Figura 4: Mapa de Uso e Ocupação do Solo

Fonte: Laís Vitória Granziera, 2021.

O que predomina no mapa são áreas residenciais e comerciais, nas quais os comerciais podem ser observados durante toda a extensão da avenida que conecta os dois municípios, a Avenida Mogi Mirim Mogi Guaçu. Nesse contexto, podemos observar áreas públicas espalhadas por todo o espaço, com algumas tomando maior relevância devido a sua extensa área e como conseguem atender à necessidade da população local. Elas são praças, escolas e outros lugares que foram tomados como apropriação para a realização de eventos e encontros sociais. Levando em consideração o acesso de Mogi Mirim para Mogi Guaçu através da pista, uma via de trânsito rápido, temos uma grande extensão de área verde, utilizada como área de plantação, fazendas ou apenas grandes extensões de áreas verdes. Agora levando em consideração o acesso da cidade de Mogi Mirim para Mogi Guaçu através da cidade, por uma via arterial, temos uma das avenidas mais importantes para a transição de pessoas de um município ao outro, a Avenida Mogi Mirim, que é totalmente cercada por comércio em ambos os lados das vias. Elas possibilitam o acesso às vias de trânsito locais, que abrigam diversas áreas residenciais que possuem praças e áreas verdes entre as quadras principais. Como é possível observar no mapa, essas áreas são distribuídas de maneira a tentar possibilitar um espaço de convivência para todos da região.

É possível concluir que a área com condomínios, como o Residencial Colina Verde, é circundada por uma área verde muito maior do que é encontrado ao decorrer dos bairros comuns da cidade. Essa área abordada da região de Mogi Guaçu possui um gabarito residencial bem diversificado: as residenciais mais próximas do Parque do Estado são térreas, abrigando

pessoas de classe média à alta. Em suma, podemos observar uma grande área verde pela extensão da área, muito dela sem uso útil para as pessoas que residem nos municípios, sendo por motivos privados ou por desinteresse público por parte delas. As áreas verdes menores, encontradas nos bairros residenciais, embora estejam bem distribuídas, não atendem todos os bairros/quarteirões, criando a necessidade de locomoção por parte das pessoas quando querem espaços abertos de qualidade.



Figura 5: Mapa de hierarquia viária

Fonte: Laís Vitória Granziera, 2021.

Analisando o mapa de vias e mobilidade urbana (figura 5), será abordado inicialmente os pontos de locomoção. Embora tenha uma localização estratégica, a região não possui uma boa distribuição de circulares, criando a necessidade de deslocamento entre um bairro e outro à procura de transporte público. Uma teoria para a ocorrência desse problema é que a maior parte das casas e construções dos bairros são jovens, talvez nas primeiras gerações de famílias ainda, o que acaba por criar um espaço que ainda não ganhou uma devida atenção por parte das políticas públicas e de empresas privadas de mobilidade urbana. Em Mogi Guaçu, por exemplo, a Avenida Brasil, que é de extrema importância por ser uma via coletora e oferecer acesso da cidade para quem vem pela pista ou acesso para seus bairros para quem vem pela Avenida Mogi Mirim e Mogi Guaçu, não possui uma boa distribuição de circulares na região; ainda mais, algumas áreas de sua rua não são devidamente iluminadas, criando situações complicadas para o deslocamento em busca de transporte público. Seguindo a via arterial, a Avenida Mogi Mirim Mogi Guaçu, temos uma avenida que é rodeada de ambos os lados por comércios, como, por exemplo: bancos, academias, lanchonetes, autopeças e outros.

Na parte superior do mapa, distribuídos nas vias locais, encontramos algumas escolas públicas e privadas para as pessoas da região e, seguindo pela via coletora, encontramos a Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo, a UNIMOGI.



Figura 6 : Mapa de gabarito

Fonte: Laís Vitória Granziera, 2021.

Todas as áreas indicadas na figura 6 com as vias locais possuem residências de portes e tamanhos diferentes, tais como condomínios fechados e edifícios. Contudo, não possui nenhum centro cultural ou centros que ofereçam atividades diversas para a população local. Além da falta de ambientes culturais, as poucas instituições de ensino superior são privadas, de tal modo a criar uma demanda por ambientes que facilitem o acesso ao desenvolvimento acadêmico e científico.

Legislação Municipal

Diante da área de análise, é possível constatar que estamos analisando uma Zona Residencial (ZR) e uma Zona Comercial (ZCO), de acordo com o Plano diretor da cidade de Mogi Guaçu. A primeira zona, a residencial, permite o uso da área para o fim residencial unifamiliar e plurifamiliar, englobando também alguns comércios locais, que são encontrados em abundância na área; podem vir a englobar também serviços diversificados, institucionais e de atividades industriais leves. Todos esses usos devem ser respeitosos para com o principal foco, que é o residencial.

As políticas públicas devem oferecer a zona uma manutenção diária de áreas urbanas, serviços públicos e de infraestrutura urbana para os moradores, tal como garantir a segurança, desenvolvimento e proteção das zonas ambientais próximas. São responsáveis também por ações de integração para com bairros isolados, de forma a inovar os sistemas viários e garantir a mobilidade fácil e segura de um lugar para o outro. A segunda zona, a comercial, pode ser encontrada principalmente na Avenida Mogi Mirim Mogi Guaçu, onde características urbanas diferenciadas podem ser notadas na avenida. Nesse caso, as políticas públicas devem garantir uma infraestrutura adequada para esses comércios, a fim de manter parâmetros mínimos de qualidade para eles. Deve também garantir o transporte público de qualidade para a mobilidade de seus trabalhadores e principalmente possuir ações diárias para com a preservação e o uso sustentável de todas as áreas que podem estar alocadas na região.

Conceito e Volumetria

O projeto (figura 7) tem o intuito de oferecer um espaço de incentivo às ciências e à cultura, ampliando a divulgação de conhecimentos relacionados às ciências e tecnologias. Propõe aliar a tecnologia com a técnica local da arquitetura vernacular para o projeto arquitetônico, retomando o valor histórico e cultural da antiga cerâmica Guainco e agregando um uso para ela, de tal forma a oferecer um ambiente de qualidade para a propagação do conhecimento científico. Desse modo, o projeto servirá como um polo de interesse cultural para a cidade e região, propondo um ambiente aberto para experiências das ciências para todos. Caracterizando acessos, circulação, acessibilidade e salas específicas para o programa de necessidades, foram projetadas áreas para um planetário, cafeteria, exposições, observatórios, terraço, bilheteria, banheiros, elevadores, escadas e diversos outros.

Descrição do Projeto



Figura 7: Implantação

Fonte: Laís Vitória Granziera, 2021.

Partindo do conceito de um espaço dinâmico e instigante, o projeto compreende a conexão da construção com a área urbana em que se insere, de maneira a oferecer um espaço para convivência e encontros culturais, atraindo assim a participação da população. A partir de estratégias contemporâneas e vernaculares, foram propostos dois volumes conectados entre si por uma rampa, na qual todo o caminho percorrido entre um espaço e outro possibilita aos visitantes uma verdadeira imersão cultural, onde é possível aprender sobre o cosmos, observar os astros e ainda interagir com diversas exposições (figura 8 e 9). A implantação da construção está estratégica para tirar melhor partido da declividade do terreno, voltando suas áreas de

convívio para a avenida principal de acesso, a avenida Mogi Mirim. As paredes internas, em taipa de pilão, criam um design único para o interior da edificação, assemelhando-se as texturas vistas por satélites dos planetas, efeito esse que é criado pelas nuances da tonalidade da terra e de suas formas. Foram incorporados, em conjunto com as paredes em taipa de pilão, materiais mais modernos, como o metal, vidro, concreto aparente e elementos cerâmicos, como cobogós, que reafirmam a conexão entre a antiga cerâmica e o espaço tecnológico do observatório. A combinação desses materiais atuais, temporais, revelam a identidade de seu próprio tempo sem ofuscar os materiais mais tradicionais, permitindo, na verdade, que os mesmos atuem como os grandes protagonistas da construção. Desse modo, o projeto elaborado expressa como o uso de técnicas tradicionais não interfere na inovação e em sua inserção em ambientes mais tecnológicos, mas sim se alia a mesma criando uma dicotomia, que permite uma arquitetura compreensiva e responsável com o meio em que está sendo inserida.

Outra estratégia adotada no projeto foi a da cobertura elevada da edificação – apoiada em vigas metálicas –, proporcionando uma sombra contínua e um condicionamento climático agradável através do resfriamento e ventilação natural. A entrada principal para veículos se dá através da Rua Sérgio Sínico, com a adição de diversos caminhos e entradas através da área verde para pedestres e ciclistas, convidando a população a participar do ambiente. Anfiteatros de baixo relevo, bancos, espelhos d'água e ciclo faixas criam um espaço de convivência dinâmico e de qualidade. No térreo – primeiro pavimento –, temos o acesso principal, recepção, cafeteria, área de exposição, escritório e salas de reunião, além dos banheiros, elevadores e rampas, que se repetem no segundo andar.

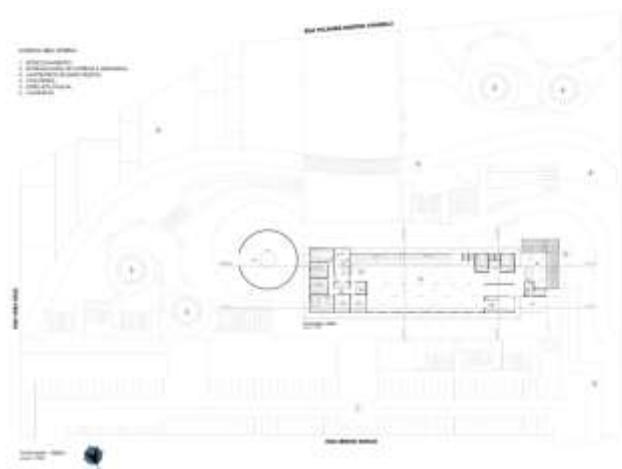


Figura 8 - Planta Baixa Térreo

Fonte: Laís Vitória Granziera, 2021.

No segundo pavimento, há uma área de exposição interativa, terraços, o terraço astronômico e o acesso principal para o planetário que é conectado por uma rampa. Todos os acessos, saídas e circulação foram projetados atendendo a acessibilidade universal e segurança contra incêndio, com altas e largas portas em todas as aberturas. A ideia é garantir a interatividade do prédio com a população, assegurando um programa que permita essa comunicação entre os dois, com um design integrado e layouts variados. Os espaços externos foram pensados para propor usos diversificados, como expostos nas figuras 10 a 14.



Figura 9: Planta Baixa Pavimento Superior

Fonte: Laís Vitória Granziera, 2021.



Figura 10: Estacionamento

Fonte: Laís Vitória Granziera, 2021.



Figura 11: Terraço Astronômico

Fonte: Laís Vitória Granziera, 2021.



Figura 12: Área Externa
Fonte: Laís Vitória Granziera, 2021.



Figura 13 - Conexão entre as edificações
Fonte: Laís Vitória Granziera, 2021.



Figura 14 - Cafeteria e área de convívio
Fonte: Laís Vitória Granziera, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através conceitos de arquitetura vernacular, tradição e tecnologia abordados, é possível concluir que estes são valores importantes para a compreensão de que a arquitetura é a forma de arte mais expressiva e completa de todas, pois considera inúmeros fatores: humanos, tecnológicos, científicos, históricos, dentre outros.

Em uma primeira aproximação pode-se dizer que tecnologia avançada é aquela que permite, com base em recursos humanos e materiais acessíveis, alcançar, mediante seu aperfeiçoamento e desenvolvimento, o mais alto grau de produtividade para conseguir um habitat adequado para cada região e seus modos de vida, tanto em qualidade como em quantidade. (WAISMAN, 2019)

A partir do discurso de Marina Waisman a respeito do significado da tecnologia no mundo contemporâneo, podemos entender que a tecnologia e a tradição são conceitos que ascendem juntos, e que a coexistência entre eles configura um sistema ambiental e socialmente responsável, no qual a tradição se reinventa e agrega valor e significado à tecnologia. Essa dicotomia abre espaço para a arquitetura vernacular, que, além de honrar e retomar a história e cultura do local, potencializa a natureza e a construção, estabelecendo uma harmonia entre o sistema construtivo e o local de intervenção. Além de retomar valores e conhecimentos, possibilita um desenvolvimento local muito maior, uma vez que as construções se tornam mais baratas e a mão de obra, os materiais e a tecnologia são locais.

Em entrevista para *ArchDaily*, Van Stigt (2017), destacou: “Portanto, o desenvolvimento de novas técnicas construtivas baseadas em métodos locais de construção, utilizando materiais locais e treinando novos pedreiros cria uma possibilidade para o desenvolvimento local”. Dessa forma, preservar a história e técnicas e combiná-las aos novos usos oferece uma nova visão no impacto dos edifícios no meio ambiente, de maneira a criar habitações acessíveis para todos os locais e reestabelecer um sentido de ética no campo da construção civil, onde o ambiente e a natureza são a prioridade para um futuro sustentável. É a partir dessa premissa integradora entre tradição e inovação que o projeto tem como objetivo principal oferecer um espaço dinâmico e ativo para com os polos educacionais presentes, oferecendo maiores oportunidades para a participação da comunidade no cenário cultural, científico e histórico da região.

REFERÊNCIAS

- BORDA, Marisa. Espaço (Meta) Vernacular na Cidade Contemporânea. Perspectiva, São Paulo, p. 11-163, 2009.
- CASTRO, Fernanda. “MUA Coffee Shop / 85 Design”, Mar. 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/890197/cafe-mua-85-design>>. Acessado em: 20 abr. 2021.
- CAU/RN. “Arquitetura Indígena no Brasil”. Disponível em: <<https://www.caurn.gov.br/?p=10213>>. Acessado em: 24 Abr de 2021.
- CONGAR, Yves. The Meaning of Tradition. [S. l.]: Ignatius Press, 2004.
- GELL, Alfred. “The Technology of Enchantment and the Enchantment of technology.”. Oxford: Clarendon Press, 40-63.

- GHISLENI, Camilla. "O que é arquitetura vernacular?" 15 Nov 2020. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/951326/o-que-e-arquitetura-vernacular>>. Acessado em: 25 Abr 2021.
- LENGEN, Johan Van. Manual do Arquiteto Descalço. 9. ed. São Paulo, 2014. 707 p.
- MOREIRA, Susana. "O que podemos aprender com a arquitetura indígena?" 19 Abr 2021. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/927142/o-que-podemos-aprender-com-a-arquitetura-indigena>>. Acessado em: 25 de abril de 2021.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius loci: paesaggio ambiente architettura*. Milão: Electa, 2003.
- OLIVER, Paul. Enciclopédia da Arquitetura Vernacular do Mundo. [S. l.]: Cambridge University Press, 1996. 2500 p.
- PREFEITURA DE MOGI GUAÇU-SP. Lei Complementar nº Nº 1.291, de 26 de outubro de 2015. Dispõe sobre a revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI) de Mogi Guaçu e dá outras providências. [S. l.], 26 out. 2015.
- "Um espaço para o conhecimento / Jô Vasconcellos". Archdaily, Out. 2014. Disponível em:<<https://www.archdaily.com.br/br/755327/um-espaco-para-o-conhecimento-jo-vasconcellos>>. Acesso em: abr. 2021.
- ZILLIACUS, Ariana. "Como retornar à arquitetura vernacular pode beneficiar uma região do Mali" 21 Abr 2017. ArchDaily Brasil. (Trad. Souza, Eduardo) acessado 25 Abr 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/869667/como-retornar-a-arquitetura-vernacular-pode-beneficiar-uma-regiao-do-mali>>;
- WAISMAN, Marina. O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos. São Paulo: Perspectiva, 1990. 224 p;